

FHC cobra apoio de aliados

Cardoso, Fernando Henrique - viagem

Presidente não quer só votos, mas a defesa dos projetos

WILSON PEDROSA/AE

COM IRONIAS,
ELE VOLTA A
REAGIR CONTRA A
OVADA JOGADA
NO MINISTRO
JOSÉ SERRA



FHC, ao lado de Clinton, defendeu a consolidação da democracia na América Latina

O presidente Fernando Henrique Cardoso deu ontem, em Berlim, Alemanha, um conselho aos aliados que quiserem sucedê-lo no Palácio do Planalto: "Se os que estão me apoiando quiserem ganhar a eleição de 2002, têm de me apoiar muito mais". Segundo o presidente, esse apoio não pode se traduzir apenas em votos, que reconhece que tem tido, mas em idéias, na defesa dos projetos que estão sendo realizados, principalmente na área social.

Fernando Henrique fez uma autocritica e avisou a seus aliados que eles têm de ajudá-lo a provar à população que um trabalho está sen-

do feito na área social, apesar de a sociedade não ter essa "sensação". Isso não acontece hoje, de acordo com ele, porque "o Governo se comunica mal". "Um partido só chega ao Governo quando ganha a batalha das idéias, do conceito", afirmou o presidente, ao

explicar que venceu as eleições porque apresentou propostas. Ele admite, no entanto, que nem sempre vence quem apresenta idéias. "A batalha do conceito é muito importante nessa etapa política", comentou, cobrando, em seguida, uma maior mobili-

zação dos partidos aliados na defesa dos objetivos do Governo.

Para o presidente, a tarefa de convencimento (em relação às realizações do Governo) não é de uma pessoa. Isso depende de mobilização política, dos partidos políticos, as-

sim como da sociedade civil e da mídia. Isto não significa, de acordo com Fernando Henrique, que todos os partidos devam se alinhar ao Governo. E aproveitou para elogiar a conduta do PT, por ele ter a visão de que precisa defender as idéias de seu partido.

"Nesse ponto, o PT é mais avançado", disse ele, explicando que o que é proposto como política doutrinária, se traduz mais na prática política entre os membros do PT: "A responsabilidade da mobilização não é da oposição, é dos partidos da coligação do Governo, que têm a obrigação de estar mais ativo nesse esforço", defendeu o presidente.

Na avaliação dele, era preciso que todos se envolvessem, sim, quando a questão que está em jogo é de interesse do País. Mas ele reconhece que isso só acontece quando a sociedade é mais amadurecida e que consegue distinguir questões de interesse político e até político-partidário, das de interesse do País.